

ENTRE BRASIL E EUROPA: UMA ANÁLISE DO IMAGINÁRIO SOCIAL DE MULHERES BRASILEIRAS RUMO À EUROPA

BETWEEN BRAZIL AND EUROPE: AN ANALYSIS OF THE SOCIAL IMAGINARY OF BRAZILIAN WOMEN TOWARDS EUROPE

Suelene de Paula Filgueiras¹
Silvia Helena Belmino Freitas²

Resumo

Este artigo pretende analisar a migração brasileira contemporânea de mulheres rumo à Europa, movimento que se intensifica nos anos 2000, em especial rumo à países como Portugal, Alemanha, França, Suíça e Países Baixos, através da análise das trajetórias de migração em um contexto atual pós pandemia da Covid-19, buscando fazer discussões referentes às narrativas de mulheres emigrantes juntamente da análise do fenômeno da migração. Para compor a argumentação do artigo, serão analisados questionários *surveys* aplicados com migrantes mulheres buscando reconstruir suas trajetórias de migração e delinear o perfil demográfico e sociográfico. Com base nos objetivos deste trabalho, foram realizadas sete entrevistas que expressam relatos escritos de imigrantes brasileiras na Bélgica. A partir da resposta dos questionários é possível compreender o cotidiano da migração, os processos de inserção no mercado de trabalho, as imagens do Brasil e das mulheres brasileiras, questões estas que revelam momentos de preconceito e negociação de mulheres migrantes brasileiras na Europa.

Palavras-chave: Imigração feminina; Cidade-Pátria; Narrativas de Imaginários Sociais.

Abstract

This article intends to analyze the contemporary Brazilian migration of women towards Europe, a movement that intensified in the 2000s, especially towards countries such as Portugal, Germany, France, Switzerland and the Netherlands, through the analysis of migration trajectories in a current context. post-Covid-19 pandemic, seeking to discuss the narratives of emigrant women together with the analysis of the phenomenon of migration. To compose the argument of the article, survey questionnaires applied to female migrants will be analyzed, seeking to reconstruct their migration trajectories and outline the demographic and sociographic profile. Based on the objectives of this work, seven interviews were carried out expressing written accounts of Brazilian immigrants in Belgium. From the answers to the questionnaires, it is possible to understand the daily life of migration, the processes of insertion in the labor market, the images of Brazil and Brazilian women, questions that reveal moments of prejudice and negotiation of Brazilian migrant women in Europe.

Keywords: Female immigration; Homeland City; Narratives of Social Imaginaries.

¹ Docente dos cursos de graduação e tecnólogos em Marketing do Centro Universitário FBUi. Autora correspondente: suelene.filgueiras@prof.ce.gov.br

² Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC).

1 INTRODUÇÃO

No século XXI, o fluxo emigratório internacional de mulheres brasileiras se modificou em relação à direção, intensidade e natureza. Nesse contexto, houve um crescimento significativo da participação das mulheres. De forma distinta aos movimentos migratórios que desde a segunda metade do século XX se dirigiam principalmente para Estados Unidos, Japão e Paraguai, houve uma mudança que traz uma intensificação do movimento rumo ao continente europeu.

Desde o final da década de 1980, o Brasil vivenciou a intensificação do fluxo de brasileiros para o exterior. O destino principal era inicialmente os EUA, porém, na década de 1990, também incluiu a Europa. De acordo com outros fluxos internacionais, nesses primeiros momentos, os participantes desse fluxo eram predominantemente jovens do gênero masculino de camadas médias. As mulheres tinham uma participação reduzida nesses movimentos e eram muitas vezes invisibilizadas (Assis, 2007).

A partir dos anos 2000, observa-se um aumento substancial da presença de mulheres nessas mobilidades transnacionais. As brasileiras começam a se inserir em redes transnacionais de cuidado, trabalhando como babás, cuidadoras de idosos, empregadas domésticas e, também, no ramo de estética e nos mercados do sexo. Esse mercado de trabalho é segmentado por gênero, classe, raça e nacionalidade (Piscitelli, 2007; Assis, 2007; Padilla, 2007; Anthias; Lazaridis, 2000).

Sassen (2003) argumenta que os fluxos migratórios transfronteiriços devem ser compreendidos no contexto da expansão da economia informal, que favorece a flexibilização e desregulamentação da força de trabalho e cria as condições para absorver a mão de obra feminina e estrangeira de modo precário. Quando partem rumo à Europa, as mulheres brasileiras, assim como outras mulheres latinas e do Caribe, enfrentam um processo de racialização e sexualização.

A racialização tem raízes no passado colonial, atualizada no presente, que implica a subalternização das mulheres do ponto de vista social e político que identifica um grupo étnico-racial como distinto ou diferente de uma população por marcadores ligados à cultura étnica ou a características físicas. A racialização se torna real no cotidiano através de fatos que caracterizam como um grupo de acordo com uma hierarquização racial. Assim, a mulher brasileira é representada como mestiça, percebida como exótica, independentemente de ela se auto identificar como branca, negra ou parda (Assis, 2011, 2018; Padilla, 2007; Gomes, 2018).

Nos próprios aeroportos já são presentes as desigualdades advindas da intersecção dos marcadores de gênero, raça, nacionalidade e classe que desdobram-se nas experiências das mulheres brasileiras desde o momento da chegada nos países de destino. Nesses locais, essas diferenças se aprofundam em visões estereotipadas – presentes desde o passado colonial e segundo as quais as mulheres negras e indígenas foram sexualizadas e violentadas –, que são reafirmadas e atribuídas às mulheres migrantes.

Esse imaginário exotizado insere as mulheres brasileiras numa posição de subalternidade. O olhar sexualizado do passado é atualizado no presente, quando essas mulheres chegam ao exterior e são confrontadas com representações da “mulher brasileira” presentes na literatura, nas novelas brasileiras e na mídia, reforçando a posição de desigualdades dos homens brancos do Norte em relação às mulheres do Sul (Piscitelli, 2008; Pontes, 2004; Assis; Siqueira, 2007).

Desde meados do século XX, os imigrantes eram tidos como aqueles que ajudaram na reconstrução dos países europeus após as 132 guerras mundiais, trabalhando duro e retornando às suas nações após a finalização do trabalho (Padilha; Ortiz, 2012). Entretanto, isso não ocorreu por se tratar de um território que havia se tornado parâmetro na economia mundial (Cogo, 2001; Oliveira, 2012).

A permanência do imigrante e seus descendentes na Europa começou, então, a ser um problema. As sociedades com grande contingente de imigrantes passaram a atribuir a imagem de criminalidade e desordem a este grupo (Matos, Barbosa, Salgueiro & Machado, 2013). Além disso, a disputa por empregos e bem-estar social tornou-se justificativa para que a população migrante fosse considerada como empecilho à ordem social e econômica da Europa (Neto, 2008), apesar da permanente necessidade de mão de obra em setores de trabalhos menos valorizados, como na construção civil e em trabalhos domésticos (Patarra, 2006).

Como objeto de estudo, o fenômeno migração tem tido sua importância reconhecida em diferentes áreas do saber científico. Porém, é nas Ciências Humanas que se encontra o maior número de pesquisas na área, especialmente, nas disciplinas de História e Geografia (Cernadas, 2009; Marandola Jr.; Dal Gallo, 2010; Oliveira; Jannuzzi, 2005; Padovani, 2013). Os trabalhos historiográficos, segundo Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), foram os que, primeiramente, permitiram maior atenção aos fenômenos migratórios, com narrativas que resgatam a memória dos imigrantes e apreendiam a ação de migrar por uma perspectiva sociocultural.

No Brasil, segundo Lisboa (2013), o registro destes processos começou a ser explorado com a abolição da escravidão, no século XIX, e a consequente escassez de mão de obra para o trabalho - período este em que começaram a entrar em cena as migrações europeias para o país. Na contemporaneidade, o processo migratório tem contribuído para a reflexão acerca das transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais vigentes no âmbito internacional, especialmente a partir dos anos 1980, época em que houve grande fluxo emigratório nos países emergentes (Patarra, 2006; Santos, 2013)

A partir dessas realidades dos últimos séculos, este artigo propõe analisar as narrativas de mulheres brasileiras em seus percursos de mobilidade entre o Brasil e a Europa, no que tange à investigação do imaginário social. Trata-se de um estudo de natureza quantitativa e qualitativa que, a partir da coleta de dados da pesquisa do tipo *survey* realizados com mulheres imigrantes que residem em países da Europa, irão nortear as reflexões sobre os processos de transnacionalização e os imaginários que as mulheres brasileiras vivenciam ao longo de suas experiências migratórias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ser mulher migrante brasileira significa estar em uma complexa intersecção entre diferentes demarcadores sociais. O racismo, o sexismo, a colonialidade, as desigualdades de classe e a condição de migrante marcam suas vidas. As mulheres migrantes brasileiras são, por vezes, menosprezadas pelo país de destino e esquecidas pelo país de origem. No que diz respeito à ciência, as mulheres migrantes brasileiras foram negligenciadas por algum tempo. Os estudos sobre imigração tradicionalmente destacavam fluxos, aspectos laborais, demografia, questões legais e pensavam o migrante enquanto homem (Padilla, 2007).

Na década de 1980, abordavam a mulher migrante como objeto/recorte, através do binarismo homem e mulher, e não a partir da perspectiva relacional de gênero (Donato et. al., 2006). A partir dos anos 1990 surgem perspectivas interdisciplinares para abordar gênero em migrações. Emergiram temas como: a forma como as relações de gênero afeta de forma diferente mulheres e homens migrantes, mudanças nos papéis e nas subjetivações de gênero no contexto migratório, emancipação da mulher migrante, imigração LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros), o racismo e o sexismo interseccionados no contexto da migração, entre outros.

No contexto das relações entre o Brasil e a Europa, o fluxo de pessoas é constante desde o século XVI com o início da colonização. O Brasil independente continuou a receber portugueses e, com a crise europeia e crescimento do Brasil, esse fluxo tende a continuar. O fluxo inverso de

brasileiros para a Europa intensificou-se a partir da década de 1990 e, acompanhando o fenômeno global, feminizou-se.

A feminização da imigração significa o aumento do número de mulheres, a concretização de projetos autônomos de imigração e, ainda, o protagonismo de mulheres na construção das redes migratórias e em projetos familiares de imigração (Padilla, 2007; Assis, 2007).

A análise da evolução da população estrangeira em uma das cidades da Europa (Portugal), implica a consideração de diversos aspetos, particularmente os contextos econômicos e sociais português e dos países de origem, a evolução legislativa, as relações históricas e culturais e os impactos da operacionalização de políticas de imigração.

Dentre os referidos, é relevante destacar o contexto econômico, especificamente a relação observável entre a taxa de crescimento real do PIB e a evolução da população estrangeira residente. De fato, os efeitos da conjuntura econômica favorável verificada nos últimos anos, particularmente o crescimento do emprego, terão servido como um fator motivador para o crescimento da população estrangeira residente no período compreendido entre 2015 e 2020 (+273.364).

Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2020), pelo quinto ano consecutivo, verificou-se um acréscimo da população estrangeira residente, com um aumento de 12,2% face a 2019, totalizando 662.095 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência, valor mais elevado registado pelo SEF, desde o seu surgimento em 1976.

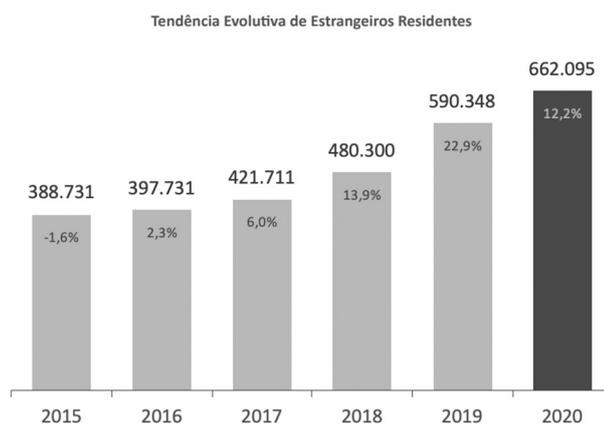


Figura 01: Tendência Evolutiva de Estrangeiros Residentes (SEF, 2020)

Os dados do SEF (2020) apontam que a nacionalidade brasileira se mantém como a principal comunidade estrangeira residente representando 27,8% do total (valor mais elevado desde 2012), conforme pode ser observado na Figura 2.

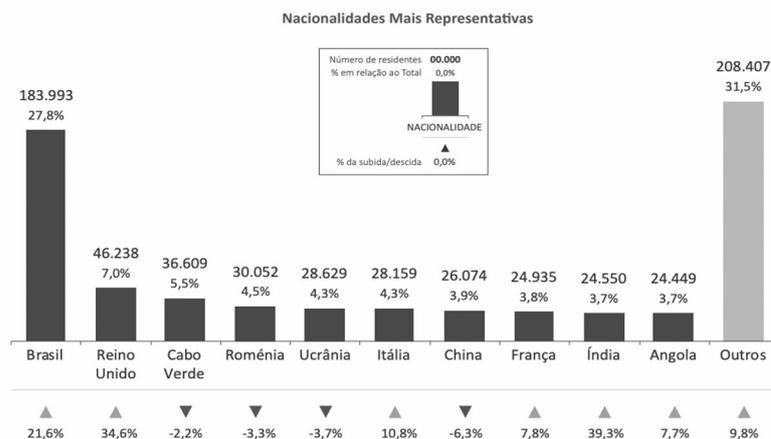


Figura 2: Nacionalidades mais representativas

O crescimento sustentado dos cidadãos estrangeiros, oriundos dos países da União Europeia, confirmam o particular impacto dos fatores de atratividade já apontados em anos anteriores, como a percepção dos países europeus como países seguros, bem como as vantagens fiscais decorrentes do regime para o residente não habitual.

Existe uma variedade de perfis e inserções de mulheres brasileiras em regiões específicas da Europa, e não se pretende homogeneizá-las.

Relativamente à distribuição geográfica dos cidadãos estrangeiros residentes por Continente, verifica-se um acréscimo generalizado, que se manifesta acentuadamente na América do Sul, potenciado, naturalmente, pelo Brasil, conforme podemos observar na Figura 3.



Figura 3: Nacionalidades mais relevantes

Arantes (2000) afirma que esse encontro entre cultura e economia se trata de "molduras" para os processos políticos dominantes nas sociedades urbanas contemporâneas. Guy Debord menciona que, na Sociedade do Espetáculo, previa que a cultura seria a "mercadoria vedete" desta rodada do capitalismo (assim como o foram, em outros ciclos, a estrada de ferro e o automóvel), a autora afirma que o capitalismo, em sua versão urbana contemporânea, assume, de fato, uma forma cultural: "A cultura é parte decisiva do mundo dos negócios e o é como grande negócio".

Essa convergência é dita pela autora como algo criado de uma série de processos e dimensões em que se casam o interesse econômico da cultura e as alegações culturais das elites econômicas, que cercam cidades como Barcelona, Bilbao, Paris, Baltimore, Berlim ou Lisboa, com

seus governos midiáticos, processos, por sinal, reeditados com agilidade em cidades periféricas bem embaixo de nossos pés.

Analisar esses processos define a existência de um “pensamento único das cidades”, próprio desta virada de século, uma matriz conceitual e operativa comum na definição das estratégias urbanas.

São diversas as estratégias que vêm sendo desenvolvidas e confirmam essa direção: grandes equipamentos públicos (museus, centros culturais) no repertório das políticas culturais para a reativação econômica dos lugares; arquitetura da grandiosidade, assinada por algum astro de renome internacional; reabilitação de áreas urbanas (por meio de atração de investidores, atividades e moradores solventes); promoção de megaeventos, ou mesmo preservação de edifícios alçados à condição de patrimônio e tornados emblemáticos dos programas de renovação urbana.

Tais ações ditas como estratégicas tratam de iscas, grandes vitrines publicitárias da cidade espetáculo, as quais buscam consagrar os projetos de cidade e despertar o espírito cívico, o orgulho, a sensação de pertencimento, ao mesmo tempo que se orientam para a neutralização dos conflitos, das diferenças.

O texto de Arantes denota que as intervenções urbanísticas produzem materialmente essa fase da modernização, outras dimensões da união entre cultura e economia, as quais imprimem novos valores às práticas de gestão: é a cidade arquitetada como uma empresa que têm concorrentes no mercado global: a cidade empreendedora, a "máquina do crescimento". Essa cidade conjuga governos e coalizões das elites econômicas num amplo leque de negócios, com suas fabulações correlatas da geração de empregos e com suas metáforas do bolo que cresce e derrama sua graça a todos os cidadãos; é a cultura da gestão eficiente e da qualidade total na prestação de serviços, como caminhos que chegam em uma concepção concreta, e instrumentalizada, de cidadãos como consumidores da cidade.

Esse modelo acabou se generalizando e se transformando em uma receita muito difundida mundo afora. A cidade, transformada em mercadoria, é posta em circulação e, mediante imagens que operam a serviço dessa visão mercadológica, são descortinados seus atrativos comerciais, turísticos e culturais, na busca de atração de investimentos.

A mercadotecnia urbana gera uma visão de cidadania que assalta os próprios cidadãos. Seduzidos pelo catálogo de espaços “renovados” e pelo discurso da eficiência administrativa que estaria trabalhando a seu favor, eles encontram poderosas barreiras, culturais e políticas, à sua expressão em movimentos de resistência ou à participação em ações críticas, pois essas costumam ser esvaziadas, tomadas como manifestações de “desamor à cidade”.

Carlos Vainer observa nesse modelo de cidade empresa uma negação da cidade enquanto espaço político, de construção da cidadania; fala de um encolhimento radical do espaço público, uma subordinação do poder público às exigências do capital internacional com interesses localizados.

Nesse sentido, ele mostra os apontamentos entre cidade-empresa e cidade-pátria: a produtivização e o consenso, bases permanentes para a cooperação público-privada, a cidade unificada sem brechas, tratada como um bloco em torno de um projeto único que, só assim, será vitorioso.

A tendência à despolitização é também identificada pelo autor na redução da questão do governo da cidade à estreita questão da competência técnica de seus administradores, cuja manifestação é perceptível, tanto nas práticas de planejamento quanto na produção teórica dessas práticas.

O consenso construído em volta da cidade mercadoria é desafiado, também, por Ermínia Maricato, cujo material destaca o que não entra nas contas do urbanismo de resultados e seus

espaços de distinção: o crescimento exponencial da cidade ilegal, a enorme expansão espacial da pobreza, a violência urbana, a exclusão.

É neste momento que se percebe o elo de ligação da análise teórica que guia esse imaginário de mulheres brasileiras. De acordo com a autora, há uma cidade dissimulada, invisibilizada cultural e politicamente, cuja ausência faz parte das estratégias de dominação próprias do capitalismo periférico e do urbanismo de mercado. É como se o mundo real da pobreza urbana não fizesse parte da virtualidade da cidade reinventada para os negócios.

Mulheres brasileiras se dispersaram pelo mundo em busca de melhores condições de vida e de oportunidades, configurando um novo movimento na população brasileira. Conforme demonstram os estudos de Assis (1999), esse movimento iniciou-se na década de 1960, em algumas cidades do país, mas foi a partir da década de 1980 e início dos anos 1990, num contexto de crise econômica e política no Brasil, que os brasileiros, de camadas médias urbanas, buscam oportunidades de mobilidade fora do país. Tais movimentos populacionais inseriram o Brasil na globalização fornecendo trabalhadores(as) para o mercado de trabalho secundário. Dessa forma, algumas cidades no Brasil iniciaram um processo que conectou processos locais com contextos globais, através do processo de migração internacional.

Quem vê o mundo pelos olhos do miraculoso “renascimento das cidades” para o mercado global jamais verá a pobreza e a exclusão como problemas. Até os países desenvolvidos enfrentam estes problemas, porém, nessa lógica, se tornam dois mundos separados, que precisam ignorar-se para sobreviver.

A dissimulação e o desconhecimento a respeito da cidade ilegal mostram a falta de vontade política de enfrentar a questão da propriedade da terra, um nó na sociedade brasileira que Maricato se encarrega de sublinhar por meio da análise das leis e planos urbanos e sua ineficácia, quando contrariam interesses de proprietários imobiliários, ou quando o assunto são os direitos sociais.

Surge aqui novo conceito de cidade que é vivenciada a partir de um imaginário: a cidade-marca, a qual não cabem conflitos. As diferenças e desigualdade socioespacial entre a cidade oficial e a cidade ilegal que, como mostra Ermínia Maricato, não é a exceção, mas a regra do processo de urbanização e da construção do imaginário.

Segundo Maricato, a cidade-marca é configurada pelos modelos dominantes da cidade-mercadoria, da cidade-empresa e da cidade-pátria. O desenho de tal marca é uma afirmação política da hegemonia do pensamento e ação sobre as cidades, contra a qual os autores se situam, a desafiar a aparente inexorabilidade dos cenários que ele aponta.

A mulher brasileira encontra-se nesse contexto como um imaginário que está presente em diversas cidades da Europa, tanto no cotidiano como nos discursos sociais. Cunha (2005) e Pontes (2004) evidenciam a estereotipificação das brasileiras em torno da sensualidade e beleza. Além disso, destaca o papel da imprensa na construção do estereótipo da imigrante brasileira como prostituta.

Padilla (2008), destaca o caso das "Mães de Bragança", ocorrido em 2003, quando uma publicação da Revista Times-Europe, que repercutiu na mídia portuguesa, apresentava um grupo de mulheres portuguesas que culpavam as prostitutas brasileiras por roubarem os seus maridos em uma cidade do interior do país. Neste episódio, as mulheres brasileiras foram construídas como as pecadoras, destruidoras do lar; enquanto as portuguesas foram pensadas como mães e esposas exemplares.

Um exemplo mais atual é a reportagem de capa da revista Focus, cujo título "Eles adoram-na, elas odeiam-na: Os segredos da mulher brasileira" é acompanhado de uma imagem de um corpo de mulher em biquíni verde e amarelo, cores de referência à brasilidade. A reportagem, já no primeiro parágrafo, ao abordar os casamentos entre portugueses e brasileiras, define-as como oriundas das "Terras de Vera Cruz", em uma referência clara ao imaginário colonial.

Com a melhoria dos transportes e das comunicações, o barateamento das viagens e a maior circulação de informações, a migração internacional torna-se uma alternativa para camadas médias da população e também para grupos populares, conforme as informações e redes sociais vão se consolidando em algumas localidades no país, que veem nesse processo uma possibilidade de mobilidade social, de escapar da pobreza, de, em alguns contextos, romper padrões familiares e de gênero ou ainda de viver novas experiências. Assim como outros imigrantes internacionais, as brasileiras partem com o sonho de trabalhar, juntar dinheiro, fazer investimentos e, em algum momento, retornar para o Brasil, num projeto migratório que podemos chamar de econômico, familiar e afetivo (Assis, 1999), pois envolve os que partem e os que ficam no projeto migratório.

Aa emigrantes brasileiras, ao se inserirem no fluxo internacional de mão de obra, passaram a fazer parte de um mercado que integra áreas remotas em circuitos de mobilidade de longa distância.

Segundo Castles (2005), a integração global cria pressões econômicas, políticas, culturais e sociais que convergem no sentido de reforço das migrações a despeito da maior vigilância de controle das fronteiras, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. As migrações tendem a se intensificar, pois são sustentadas por redes sociais que, à medida que os migrantes se instalam e formam.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se configura num processo metodológico que possui múltiplas possibilidades de movimento dialético na busca por recursos que podem ser constantemente revistos e confrontados por ideias divergentes numa interlocução crítica com os aparatos bibliográficos, tendo em vista a validade epistemológica capaz de compreender melhor os trânsitos das mulheres brasileiras rumo à Europa.

Creswell (2014) analisa os conceitos e definições metodológicas referentes à pesquisa como um norte e à macro interpretação científica mediante um universo investigativo auferido pelo levantamento de dados e experimentos que incidirão numa concepção fundamentalista do objeto pesquisado. Minayo (2009, p. 23), em complemento às ideias de Creswell (2014), acrescenta que a pesquisa enquanto metodologia leva o pesquisador a ter "[...] uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente".

Para Neto e Castro (2017, p. 82-83) “[...] o que nos motiva pesquisar algo advém das experiências de vida, sejam pessoais e/ou profissionais, do contexto sociopolítico e econômico vivenciado e das lacunas existentes nas investigações científicas”. Desse modo, faz-se necessário ressaltar a necessidade da investigação que parte será através do método quantitativo e parte proposta pelo método qualitativo, com o intuito de compreender em primeiro lugar as características demográficas e os perfis das mulheres brasileiras emigrantes, e, em segundo plano, conhecer suas histórias de vida e percursos de migração a partir das suas narrativas.

Tendo em vista os objetivos apresentados, foi realizada uma pesquisa survey composta por 16 questões distribuídas em 3 fases:

- Dados demográficos;
- Dados geográficos;
- Dados que representam as percepções e realidades pessoais e socioculturais.

A pesquisa encontra-se em fase de aplicação e passará pela fase de coleta dos dados e análise para entendimento dos critérios, das motivações e principalmente, das narrativas das mulheres brasileiras imigrantes na Europa.

Hipóteses:

- As mulheres brasileiras emigrantes não apenas vivenciam o contexto imaginário de vivenciar os países da Europa em busca de oportunidades e uma melhor qualidade de vida,

mas também criam um verdadeiro efeito dominó de fuga, facilitado também pela não exigência de visto para o ingresso nos países europeus.

- A migração de um grupo de mulheres acaba por influenciar a vinda de mais e mais compatriotas.
- A publicidade boca-a-boca funciona que retrata e zelo por uma imagem de país do futuro e as inúmeras estratégias da cidade-mercadoria, mascaram as possibilidades de enxergar o lado cruel e muitas vezes ilegal das vivências exteriores.
- As mulheres buscam migrar para países europeus com o intuito de conquistar futuros econômicos, sociais, políticos e culturais que possam garantir a vida de forma segura e confortável.
- O público feminino que visa emigrar para os países europeus busca a luta por realidades distintas ao Brasil (para si e para os(as) filhos(as), com o objetivo de fugir da violência dentro dos ônibus, na rua, no bairro onde moram e, a partir disso, preservar suas esperanças.
- As mulheres migram com o objetivo de fugir do patriarcado e das culturas de opressão que são vivenciadas no Brasil.

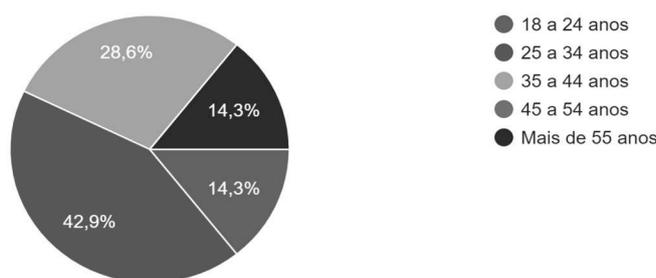
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa foi realizada com 7 (sete) mulheres brasileiras inicialmente devido ao contato direto da autora com estas e devido à aproximação da amostra com a temática, o que levou à obtenção de dados direcionados segundo os objetivos do artigo.

O questionário sociodemográfico abordou os aspectos gerais do indivíduo, visto que o entendimento do perfil pessoal e das características individuais de cada uma se torna relevante para a compreensão das motivações.

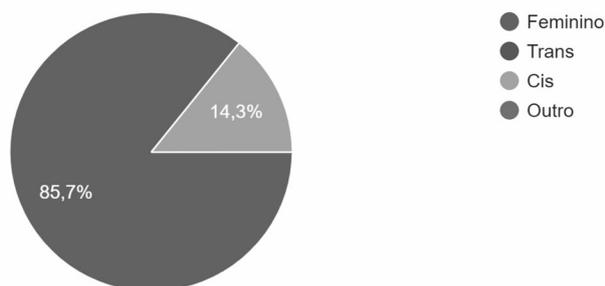
O formulário de pesquisa realizado via Google Forms obteve as sete respostas de mulheres brasileiras que atualmente moram em diferentes partes da Europa. A pesquisa descobriu que destas, 42,9% possuem idades entre 25 a 34 anos, enquanto 28,6% possuem 35 a 44 anos, conforme podemos observar no Gráfico 1.

Gráfico 1: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável Idade



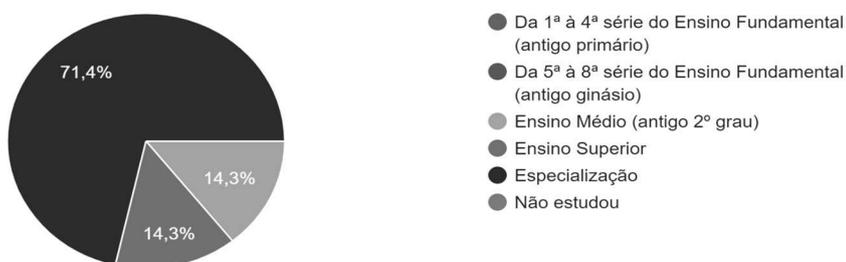
Em relação ao gênero, a pesquisa verificou que do total da mostra, 85,7% se identificam com o gênero feminino e 14,3% com cis. Cisgênero é o indivíduo que se apresenta ao mundo e se identifica com o seu gênero biológico. Como exemplo, podemos citar: se foi considerada do sexo feminino ao nascer, usa nome feminino e se identifica como uma pessoa deste gênero, esta é uma mulher "cis".

Gráfico 2: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável Gênero



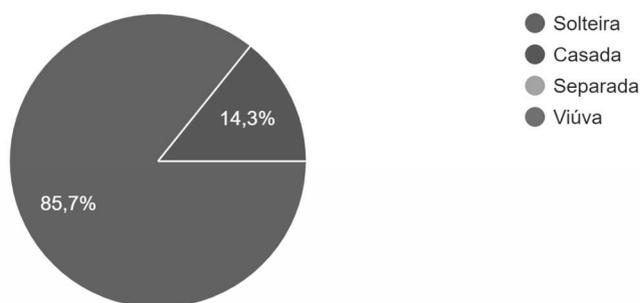
Quanto ao grau de instrução das mulheres analisadas, o formulário de pesquisa identificou que 71,4% possuem especialização, enquanto 14,3% se dividem em conclusão do ensino superior e médio, conforme podemos observar no gráfico 3.

Gráfico 3: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável grau de instrução

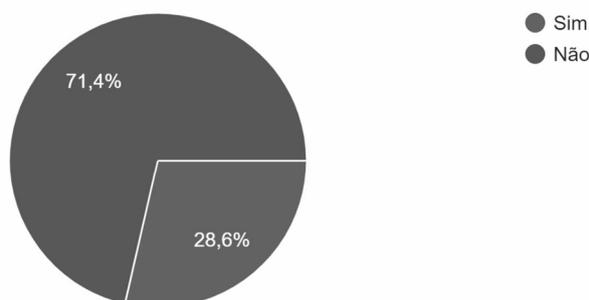


Observou-se, de acordo com o Gráfico 4, que a partir do total da amostra, 85,7% das mulheres são solteiras, enquanto 14,3% são casadas. A nacionalidade constitui-se de importante elo entre o Estado e a pessoa considerada seu nacional pois é através desse laço que a pessoa natural exerce seus direitos civis, políticos e econômicos e tem acesso a serviços básicos para manutenção de sua dignidade.

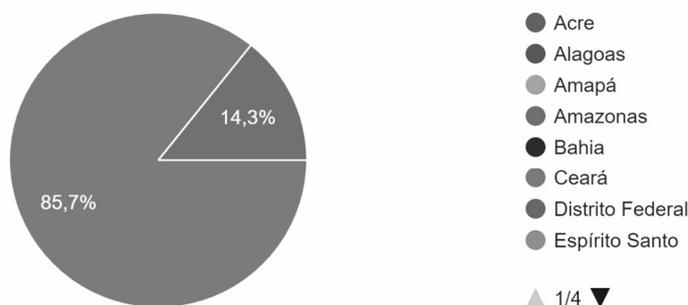
Gráfico 4: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável estado civil



A pesquisa verificou que do total da amostragem, 71,4% das mulheres possuem filhos, enquanto 28,6% não possuem filhos, de acordo como apresenta o Gráfico 5.

Gráfico 5: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável filhos(as)

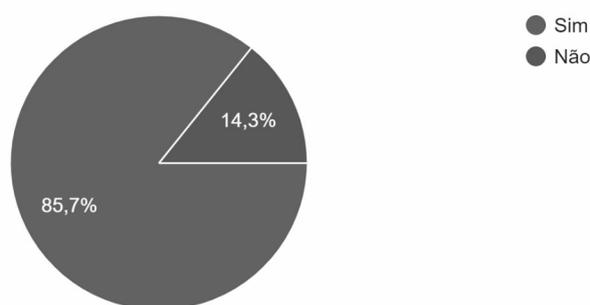
De acordo com o Censo do IBGE (2010), o Brasil tem sua população composta por 0,4% de imigrantes mundiais. Da população residente, por nacionalidade e sexo, são 200.119 mulheres e 231.200 homens, no total, de estrangeiros. Além disso, há 72.567 mulheres e 88.683 homens naturalizados brasileiros. Apesar de em 2010 o número de mulheres já estar próximo da quantidade de homens, pouco se discutiu o que esse dado diz sobre a experiência de migração no país e as demandas diferentes relacionadas ao gênero. De acordo com os dados do formulário, do total da amostra, identificou-se que 85,7% residiam e são naturais do estado do Ceará e 14,3% do estado do Rio de Janeiro, segundo os dados constantes no Gráfico 6.

Gráfico 6: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável naturalidade

país de residência, a pesquisa verificou que a maioria reside em Portugal, especificamente na capital do país, enquanto outras entrevistadas informaram estar morando em países como Bruxelas, Almada e Dublin. Assim, em relação ao tempo de residência nestes países identificados, as pesquisadas informaram residir entre 2 a 6 anos na Europa. O tempo estimado de vivência no presente local também pode variar de acordo com a emigração sendo o tempo mais pertinente entre dois anos a seis anos.

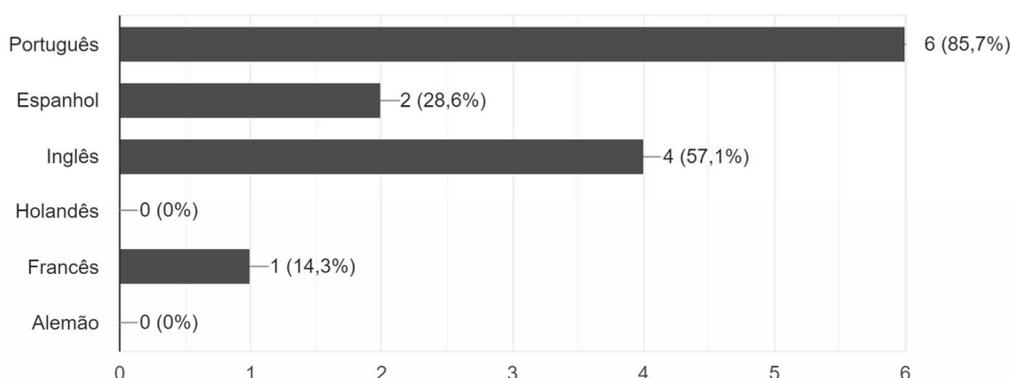
Importa também dar especial atenção à participação no mercado de trabalho das mulheres emigrantes estudadas neste artigo. O formulário de pesquisa descobriu que do total da amostra, 85,7% já se encontra trabalhando, enquanto 14,3% ainda não trabalha, de acordo como observa-se no Gráfico 7.

Gráfico 7: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável participação no mercado de trabalho



A linguagem utilizada é um fator relevante para entender o ingresso dessas mulheres no mercado de trabalho. De acordo com o Gráfico 8, as línguas mais utilizadas na Europa entre as entrevistadas são Português, Espanhol, Inglês e Francês, sendo 85,7% a maior porcentagem.

Gráfico 8: Pesquisa sociodemográfica aplicada referente à variável Idioma falado



Aproximando-se do objetivo desta pesquisa, compreender as motivações que ativam a tomada de decisão de mudança ficou clara ao questionar sobre as razões principais para a emigração, destacando-se os seguintes motivos: estudos, qualidade de vida, busca de experiências na língua falada no país, busca da independência financeira e segurança.

Ao investigar sobre as percepções das mulheres em referência ao país em que residem atualmente, o entendimento varia e considera que existe um tabu de perfeição sobre os países europeus, mas quando se reside por um longo tempo, a percepção é a de que existem problemas semelhantes ao país de origem, porém, com níveis diferentes de desenvolvimento.

Acerca das razões fruto da emigração, observa-se que as entrevistadas destacam motivações distintas, entre as quais: possibilidade de ampliação dos estudos, busca de melhores oportunidades de trabalho, busca de experiências culturais e sociais, busca por estabilidade, segurança e qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu analisar a migração brasileira contemporânea de mulheres rumo à Europa para fazer discussões referentes às narrativas destas mulheres juntamente da análise do

fenômeno da migração, a partir da pesquisa realizada com o público feminino que emigrou para o continente europeu.

Para se atingir uma compreensão do trabalho, foi necessário realizar uma pesquisa quantitativa de caráter sociodemográfico, assim como qualitativa no que diz respeito ao entendimento das motivações para a migração.

Verificou-se que em sua maioria as razões se dividem entre qualidade de vida, estudo e mudança de realidade. A análise permitiu concluir que as mulheres que vivem essa realidade encontram obstáculos e que de acordo com o tempo se vinculam à novas realidades para superá-los.

Com isso, a hipótese do trabalho de que as mulheres buscam migrar para países europeus com o intuito de conquistar futuros econômicos, sociais, políticos e culturais que possam garantir a vida de forma segura e confortável se confirmou, pelas razões e motivações apresentadas na pesquisa.

Sendo assim, as questões expostas sobre as dificuldades e questões sociais, culturais e econômicas apresentadas são superadas a partir do processo de conservação e interação entre a antiga e nova realidade.

As experiências narradas por brasileiras que emigraram sugerem uma situação de exílio atípico, poderiam ser classificadas como exiladas da cultura. Mais que fugitivas do desemprego, da pobreza ou das poucas oportunidades, exprimem um desejo de se desvencilhar de uma cultura discriminatória, sexista e opressiva, na qual as oportunidades são desigualmente distribuídas, o que afeta o aspecto da sobrevivência levando a busca de maiores oportunidades de emprego e renda.

No encontro com outra cultura, a decisão de permanecer liga-se à possibilidade de ali poderem expressar suas individualidades e emancipar-se, resgatando a cidadania que sua cultura original lhes recusa por serem mulheres.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. Editora Vozes, 2000.

ASSIS, Gláucia de Oliveira ; SIQUEIRA, Sueli . **Entre o Brasil e os Estados Unidos: as representações de gênero na novela**.XXX. In: SILVIA, Cristiani Bereta; ASSIS, Gláucia O; KAMITA, Rosana C. (org.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2007, pp.167-184.

ASSIS, Gláucia de O. (1999). **Estar aqui...Estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos**. In: REIS, R. R. e SALES, T. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Gênero e trânsitos contemporâneos de mulheres brasileiras emigrantes no século XXI**. In: Sueli Siqueira (org.). *Ligações Migratórias Contemporâneas*. Brasil, Estados Unidos e Portugal. Governador Valadares, Univale, v. 1, 2018, pp.134-154.

CASTLES, Stephen. **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais**. Trad. Frederico Ágoas. Lisboa, Fim de Século, 2005.

CENSO IBGE 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 18 de Jun de 2022.

- CERNADAS, P. C. (2009). **Controle migratório europeu em território africano: a omissão do caráter extraterritorial das obrigações de direitos humanos.** Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos, 6(10), 189-214.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre, RS: Penso, 2014.
- COGO, D. (2001). **Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro.** Revista eletrônica de comunicação e informação, 4,(1/2), 11-32.
- CUNHA, Isabel. (2005). **Mundos Imaginados: As Brasileiras e nos Media em Portugal.** Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, UERJ.
- DONATO, Katharine et. al. (2006). **A Glass Half Full? Gender in Migration Studie.** International Migration Review, vol. 40, n. 1, pp. 3-26.
- FAZITO, D., & Rios-Neto, E. L. G. (2008). **Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo.** Revista Brasileira de Estudos de População, 25(2), 305-323.
- GOMES, Mariana Selister. **Gênero, Colonialidade e Migrações: uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal.** Política & Sociedade, v. 17, n. 38, 2018, pp.404-439.
- LISBOA, K. M. (2013). **Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 20(1), 119-139.
- MARANDOLA Jr., E., & Dal Gallo, P. M. (2010). **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração.** Revista Brasileira de Estudos de População, 27(2), 407- 424.
- MATOS, R., Barbosa, M., Salgueiro, G., & Machado, C. (2013). **Cidadãos estrangeiros em Portugal: migrações, crime e reclusão.** Psicologia, 27(1), 33-45.
- MINAYO, M. C. **O desafio da pesquisa social.** In: Minayo, M. C. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.
- NETO, J. H. C; CASTRO, A. E. **Pesquisa em educação: discussões iniciais para a construção de uma investigação científica.** Cadernos da Fucamp. Monte Carmelo, MG, v. 16, n. 27, p. 80-88, 2017.
- OLIVEIRA, E. (2012). **Linhas Tênuas, Fronteiras Fortificadas: a imigração na França pelas imagens do filme Bem-vindo.** Anagrama, 5(2), 1-16.
- OLIVEIRA, K. F., & Jannuzzi, P. M. (2005). **Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino.** São Paulo em Perspectiva, 19(4), 134-143.
- PADILLA, Beatriz. (2007). **A Imigrante Brasileira em Portugal: Considerando o Gênero na Análise,** in J. Malheiros (org.), A Imigração Brasileira em Portugal Lisboa, ACIDI.

PADILLA, B., & Ortiz, A. (2012). **Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 20(39), 159-184.

PADOVANI, N. C. (2013). **Confounding borders and walls: documents, letters and the governance of relationships in São Paulo and Barcelona prisons.** Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, 10(2), 340 - 376.

PADILLA, Beatriz. **Acordos bilaterais e Legalização: O impacto na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal.** In: MALHEIROS, J. M. (org.). Imigração brasileira em Portugal. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007, pp.217-226.

PADILLA, Beatriz. **A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise.** In: MALHEIROS, J. M. (org.). Imigração brasileira em Portugal. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2007, pp.113-135.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e cultura, v. [S. l.], v. 11, n. 2, 2008, pp.263-274 [https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247 - acesso em: 9 nov. 2021]. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247.

PISCITELLI, Adriana. **Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais** In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de O; OLIVAR, José Miguel (org.). Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2011, pp.538-582.

PONTES, Luciana. **Mulheres brasileiras na mídia portuguesa.** cadernos pagu (23), 2004, pp.229-256. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>

SÁNCHEZ, F; **A Reinvenção das Cidades para um Mercado Mundial.** 2. ed. Chapecó-SC: ARGOS Editora Universitária, 2010. p. 463-511.

SANTOS, A. L. (2013). **Antes, de lá pra cá. agora, daqui pra lá: fluxos migratórios do Brasil para Portugal a partir de 1980.** GEOUSP – Espaço e Tempo, 34, 195-210.

SASSEN, Saskia. **The feminisation of survival: alternative global circuits..** In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (ed.). Crossing Borders and Shifting Boundaries. Schriftenreihe der Internationalen, Frauenuniversität, Technik und Kultur, v. 10.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS. (2010), Relatório de Imigração Fronteira e Asilo Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf>. Acesso em 9/9/2012.

VERLAG FÜR SOZIALWISSENSCHAFTEN, Wiesbaden, 2003, pp 59-79 [https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-3-663-09529-3.pdf].